



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **17/08/2018**

Aprovado em: **19/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.04.31>

AUTISTA NA SALA DE AULA: AS DIFICULDADES DE INTERAÇÃO ENFRENTADAS PELO ALUNO  
NO ENSINO REGULAR

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

MARIA JEANE DOS SANTOS ALVES, KIVIA CAROLINA DE ALMEIDA SANTOS

## RESUMO

A pesquisa buscou discutir o transtorno do espectro do autismo sob o ponto de vista das dificuldades de interação em sala de ensino regular. A temática é relevante, pois o número de casos de autismo vem aumentando consideravelmente e se manifestando cada vez mais cedo nas crianças. Ela tem como objetivo investigar o processo de interação educacional do portador do espectro do autismo, realizando discussões sobre o diagnóstico, coletando dados sobre os conhecimentos dos professores e observar como se dá o processo de interação desse aluno dentro da escola. A metodologia desenvolvida: observação participante em sala de aula e recreio, elaboração de diário de campo da observação e questionário aplicado aos professores do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A análise destes questionários foi feita mediante os seguintes critérios: tempo de carreira no magistério, conhecimentos sobre o autismo, dificuldades no processo de ensino, recurso pedagógico, interação e inclusão no ensino regular. Foi uma pesquisa do tipo qualitativa, exploratória, explicativa. Os sujeitos foram os alunos da turma do 1º ano do ensino fundamental e o corpo docente de uma escola da rede pública municipal da cidade de Itabaiana Sergipe. Os resultados da pesquisa comprovam que o desconhecimento, a carência de recursos pedagógicos e a falta de capacitação para lidar com crianças especiais dificultam o processo de aprendizagem. Por meio da pesquisa foi possível concluir que a inclusão de alunos autistas no ensino regular é mais que necessária ela é essencial, e que antes da inclusão é preciso preparar e equipar a escola e o corpo docente para depois incluir o aluno nesse processo educacional.

**Palavras-chave:** Autismo. Ensino regular. Educação inclusiva. Dificuldades de interação.

## ABSTRACT

The research sought to discuss autism spectrum disorder from the point of view of the difficulties of interaction in the regular classroom, the theme is relevant because the number of autism cases has been increasing considerably and becoming increasingly apparent in children. It aims to investigate the process of educational interaction of the autism spectrum carrier, conducting discussions about the diagnosis, collecting data about the knowledge of the teachers and observing how the process of interaction of this student within the school takes place. The methodology developed: participant observation in classroom and recreation, elaboration of observation field diary and questionnaire applied to teachers from 1st to 5th year of elementary school. The analysis of these questionnaires was made according to the following criteria: career time in teaching, knowledge about autism, difficulties in the teaching process, pedagogical resource, interaction and inclusion in regular education. It was a qualitative, exploratory, explanatory research. The subjects were the students of the class of the first year of elementary school and the faculty of the Municipal School of the city of Itabaiana Sergipe. The results of the research proved that the lack of knowledge, the lack of pedagogical resources and the lack of capacity to deal with special children make the learning process difficult. Through the research it was possible to conclude that the inclusion of autistic students in regular education is more than necessary, it is essential, and that before inclusion it is necessary to prepare and equip the school and the faculty to later include the student in this educational process.

**Keywords:** Autism. Regular education. Inclusive education. Difficulties of interaction.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca discutir o transtorno do espectro do autismo sob o ponto de vista das dificuldades de interação em sala de ensino regular. Tal transtorno era considerado raro, mas atualmente é muito conhecido, e se torna cada vez mais uma grande dificuldade para a família e a escola quanto a sua aceitação e seu diagnóstico. Segundo Silva; Gaiato; Reveles (2012),

Receber o diagnóstico de autismo é sempre impactante para os pais. A partir desse momento, brota um turbilhão de situações e emoções inesperadas no seio

familiar: angústias, conflitos, frustrações, medos, inseguranças. (p. 65)

Esta temática é de grande relevância, pois a síndrome do autismo, se tornou mais comum, e não somente vem aumentando o número de diagnósticos como vem se manifestando cada vez mais cedo nas crianças. Segundo informações da OMS (Organização Mundial de Saúde), o autismo afeta 01 em cada 160 crianças no mundo, diante disso surge a necessidade de informar e capacitar os professores para lidar com esta situação, que se faz tão presente no cotidiano escolar, e que muitas vezes por não saber o que fazer o professor acaba excluindo este aluno e não incluindo como é previsto por lei.

Os primeiros estudos realizados a respeito do transtorno do espectro do autismo abrangem mais de sete décadas e, o mais conhecido atualmente foi realizado pelo médico psiquiatra Leo Kanner em 1943. Embora ainda seja considerado um transtorno incurável, ele varia de crianças com habilidades geniais até crianças de habilidades reduzidas, afetando em sua maioria dos casos crianças do sexo masculino. Acredita-se que o autismo seja um distúrbio do desenvolvimento causado por questões genéticas ou ambientais. Em geral se manifesta antes dos três primeiros anos de vida da criança, no momento ainda não existe nenhum exame específico e sim um diagnóstico comportamental realizado pelo neurologista ou psiquiatra infantil.

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo transtorno, sendo que, em crianças, é mais comum que o câncer, a Aids e o diabetes. Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 04)

As características do autismo são: prejuízo na comunicação e interação social, comportamentos repetitivos sem significados, atração por movimentos circulares, praticar sempre a mesma rotina, intolerância a determinados sons, não manter contato visual e físico, hiperatividade, variações de sensibilidade, visão do mundo de forma fragmentada, isolamento no momento em que realizam atividades e seletividade alimentar. O aluno portador do autismo necessita de atendimento especial individualizado, mas para estimular o seu desenvolvimento no momento da aprendizagem escolar, precisa realizar atividades em grupos por conta da capacidade de interação ser a mais prejudicada pelo transtorno do autismo, tornando esse aluno quase que incapaz de se relacionar, manter diálogo, amizades e consequentemente acompanhar os momentos de aprendizagem.

O que precisa cair por terra é que o autismo tenha somente uma forma. É comum ouvirmos de profissionais: "Ele não tem autismo, pois olha nos olhos." Isso é um mito, muitos olham e fazem muito mais. Não se trata de um tudo ou nada, mas de uma variação infinita que vai desde traços leves, que não permitem fechar um diagnóstico, até o quadro clínico complexo com todos os sintomas. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 42)

De acordo com as características apresentadas podemos subdividir o autismo em quatro categorias:

**Autismo leve:** apresentam alguns sintomas, o autismo pode ser hereditário, seus portadores são habilidosos e precisam de cuidados especializados.

**Síndrome de asperger:** apresentam alguns sintomas, não apresentam atraso na linguagem, nem retardo mental, dificuldades no aprendizado e necessitam de cuidados especializados.

**Autismo em pessoas com alto funcionamento:** apresentam alguns sintomas, não apresentam retardo mental, tem boa inteligência, tiveram atraso na linguagem. **Autismo clássico grave, com retardo mental associado:** apresentam a maioria dos sintomas, não desenvolvem a linguagem e precisam de

cuidados especializados por toda vida.

O tratamento é constituído de orientação familiar e de intervenções com a equipe multidisciplinar em clínicas especializadas constituída por médicos psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, acompanhado de métodos comprovados cientificamente como: TEACCH (Tratamento e Educação de Autistas e Relação de Comunicação de Crianças Deficientes), que é um programa que utiliza materiais concretos visuais para ilustrar a rotina do autista; PECS (Sistema de Comunicação por Trocas de Figuras), que é um método de comunicação por meio de figuras e o ABA (Análise Aplicada do Comportamento), método baseado na teoria do condicionamento operante e reforçadores para instigar comportamentos significativos reduzindo os indesejáveis.

A terapia mais indicada para crianças com transtorno do desenvolvimento é a terapia comportamental. Uma das técnicas utilizadas nesta abordagem psicoterápica é a Análise Aplicada do Comportamento (ABA), método empregado em diversos países e embasado por pesquisas científicas que comprovam sua eficácia. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 152)

### **Histórico e diagnóstico do autismo**

Muitos estudos foram realizados antes da descoberta do autismo, porém só comparavam as características de comportamento das crianças estudadas como idiotia e esquizofrenia infantil. Em 1911 o psiquiatra Eugen Bleuler descreve em suas pesquisas como principal característica observada o isolamento social relacionando a com a esquizofrenia.

Já em 1943, Leo Kanner, médico psiquiatra, realiza pesquisa sobre o surgimento de casos de crianças que não interagem com as outras, que tinham seu “próprio mundo”, na época ele propôs que isso ocorria devido as “mães geladeiras”, ou seja, falta do calor maternal para com os filhos, mas diante dos avanços nas pesquisas essa teoria imposta por ele não foi aceita. Ele propôs também que talvez as crianças adquirissem o transtorno devido aos pais apresentarem as mesmas características dos filhos, primeira vez que seu estudo caminhou para a questão genética da doença.

A palavra "autismo" deriva do grego "autos", que significa "voltar-se para si mesmo". A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, em 1911, para descrever uma das características de pessoas com esquizofrenia, se referindo ao isolamento social dos indivíduos acometidos. Em 1943, o psiquiatra infantil austríaco Leo Kanner publicou um estudo no qual observou 11 crianças que apresentavam isolamento extremo desde o início da vida, apego às rotinas, preferência por objetos inanimados em detrimento das pessoas, ecolalia imediata e tardia, e inversão pronominal. Inicialmente, ele formulou a teoria de que estes sintomas seriam inatos àquelas crianças. Esse mesmo cientista criou o conceito da "mãe geladeira" ao descrever o comportamento observado, por ele, nas mães de crianças com autismo, pois referiu que elas apresentavam contato afetivo frio, mecanizado e obsessivo, apesar do alto grau de desenvolvimento intelectual. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 112)

Em 1944, o pesquisador Hans Asperger abordou em sua pesquisa de doutorado, de modo observacional, intitulada a psicopatia autista da infância características de comportamento e habilidades que variavam de isolamento social, movimentos repetitivos a habilidades geniais, esta importante descoberta foi batizada com seu nome, denominada Síndrome de Asperger.

No ano de 1960, a psiquiatra Lorna Wing começa a publicar textos de grande relevância para os estudos realizados anteriormente, e sua referência para escrever com segurança sobre o assunto foram as observações de comportamento da sua filha que era autista. A psiquiatra conseguiu descrever os três sintomas do transtorno que eram o prejuízo na socialização, comunicação e comportamento. Nesta

época o psicólogo comportamental Ole Yvar Lovaas apresentou a ideia de que essas crianças estudadas e portadoras do transtorno podiam aprender por meio de técnicas de terapia comportamental, mas nessa época essa técnica e os profissionais não tinham credibilidade.

Somente em 1980 o autismo passa a ser classificado como síndrome ou distúrbio do desenvolvimento. Diante desta descoberta alguns estudos clínicos nos Estados Unidos foram realizados e resultaram na elaboração do DSM (manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais), ou seja, um livro que se baseia nos estudos de todos os transtornos mentais. Segundo ARAÚJO; NETO (2014, p. 69) “A primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) foi publicada pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) em 1953, sendo o primeiro manual de transtornos mentais focado na aplicação clínica.” Os estudos impulsionaram quatro versões do DSM, mas no intuito de melhor especificar o distúrbio foi estendido até o de número cinco o qual já traz a definição de transtorno do espectro do autismo e o classifica como TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) ou PEA (Perturbação do Espectro do Autismo), porém anteriormente as versões do manual somente abordavam o autismo relacionado com a esquizofrenia. Nessa linha:

O DSM-5, oficialmente publicado em 18 de maio de 2013, é a mais nova edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana [...]O objetivo final foi o de garantir que a nova classificação, com a inclusão, reformulação e exclusão de diagnósticos, fornecesse uma fonte segura e cientificamente embasada para aplicação em pesquisa e na prática clínica (ARAÚJO; NETO, 2014, p. 70).

A primeira organização brasileira sobre o autismo foi a AMA (Associação de Amigos do Autista), fundada no ano de 1983 por famílias de crianças autistas, que acolhiam, informavam e capacitavam outras famílias e profissionais. Esta instituição organizou o primeiro encontro de amigos do autista que reuniu médicos e diversas pessoas que estudavam o autismo. A AMA realizou estudos fora do Brasil, estudos esses em instituições renomadas o que a tornou referência para famílias que precisam de apoio. E para melhor representar todos que lutam pelos direitos dos autistas surge a Abra (Associação Brasileira de Autismo).

Todas estas questões serviram de base para que até hoje os estudos referentes ao TEA contribuam para um melhor entendimento em relação ao diagnóstico e ainda promova para o autista uma considerável diminuição em suas limitações, pois quanto mais cedo for feito o diagnóstico melhor será o desenvolvimento da criança. ARAÚJO e NETO (2014, p. 68) afirmam que Para a análise do comportamento, a formulação de um diagnóstico passa pela compreensão dos comportamentos que são tidos como inadequados.

Atualmente o diagnóstico do autismo é feito por médico neurologista e psiquiatra infantil, sendo as principais características: prejuízo na interação, comunicação e comportamentos inadequados. O TEA possui três níveis de gravidade:

Image: Organograma

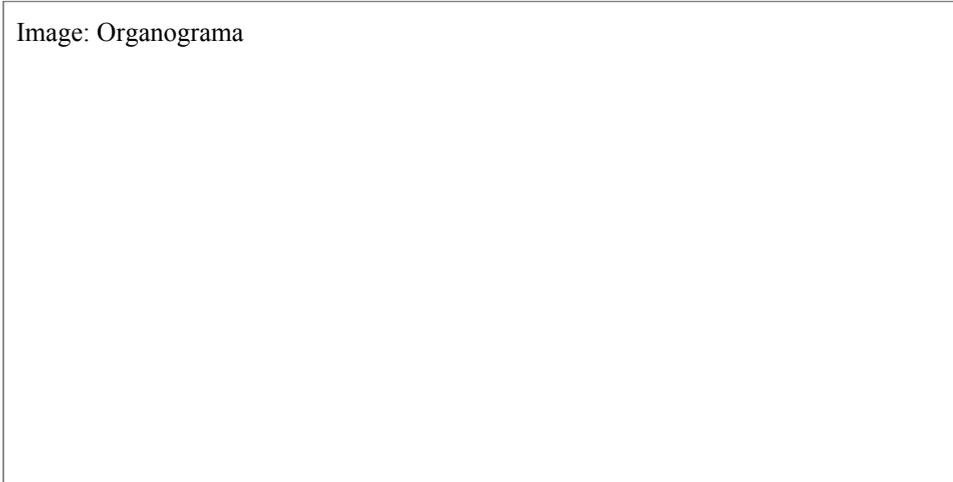
The image is a large, empty rectangular box with a thin black border, intended for an organizational chart (organograma) related to the levels of autism.

Figura 1 Níveis do autismo

Sendo que o **nível 1 ou leve**, a criança possui os sintomas, tem um desenvolvimento bom e precisa de pouco tratamento especializado para se desenvolver. **Nível 2 ou moderado**, ela possui os sintomas, tem o desenvolvimento comprometido e recebe ajuda intensiva de tratamento especializado. **Nível 3 ou agressivo**, ela possui os sintomas, o desenvolvimento é muito comprometido, precisam de atendimento especializado por toda vida. As crianças que se encontram nos níveis dois e três, possuem retardo mental associado aos demais sintomas. É importante lembrar que:

A principal área prejudicada, e a mais evidente, é a da habilidade social. A dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo percebam corretamente algumas situações no ambiente em que vivem. A segunda área comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. A terceira é a das inadequações comportamentais. Crianças com autismo apresentam repertório de interesses e atividades restritos e repetitivos (como interessar-se somente por trens, carros, dinossauros etc.), têm dificuldade de lidar com o inesperado e demonstram pouca flexibilidade para mudar as rotinas. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 10)

Segundo Silva; Gaiato; Reveles (2012, p. 155) o tratamento do TEA é psicoterápico e medicamentoso. O psicoterápico é realizado por meio de intervenções pela equipe multidisciplinar especializada composta por: terapeuta, psicólogo, pediatra, fonoaudiólogo, psiquiatra infantil, psicopedagogo entre outros, além do envolvimento familiar nesse processo. A equipe utiliza os seguintes métodos comportamentais comprovados cientificamente: TEACCH, ABA E PECS, realizados com estímulos e reforços positivos e premiação por realização de comportamentos adequados, não existe um medicamento indicado para curar ou controlar todos os sintomas do autismo, somente medicamentos como o Risperidona e Aripiprazol que são indicados para crianças a partir dos 5 anos de idade e que agem na diminuição de alguns sintomas e auxiliam no tratamento psicoterápico. O ABA e o TEACCH são métodos de intervenção mais conhecidos e utilizados no mundo. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 152-154).

O avanço nas pesquisas em relação ao transtorno do espectro do autismo tem impulsionado o sancionamento de leis e projetos assistenciais de proteção ao autista que contribui para sua inserção na sociedade no âmbito do trabalho, saúde, assistência social e educação, no entanto se faz necessário o investimento do governo em políticas públicas e também a fiscalização da aplicação destas.

As dificuldades de interação do aluno AUTISTA no ensino regular

A aprendizagem é um direito de todos os cidadãos que proporciona o desenvolvimento das capacidades e valores que o acompanharão por toda vida. É ainda na escola que o aluno começa novas amizades, adquire e compartilha conhecimentos, desenvolve o caráter, aprende o respeito e a tolerância.

[...] Para a teoria histórico-cultural, a criança nasce com uma única potencialidade, a potencialidade para aprender potencialidades; com uma única aptidão, a aptidão para aprender aptidões; com uma única capacidade, a capacidade ilimitada de aprender e, nesse processo, desenvolver sua inteligência - que se constitui mediante a linguagem oral, a atenção, a memória, o pensamento, o controle da própria conduta, a linguagem escrita, o desenho, o cálculo - e sua personalidade - a auto-estima, os valores morais e éticos, a afetividade. Em outras palavras, o ser humano não nasce humano, mas aprende a ser humano com as outras pessoas - com as gerações adultas e com as crianças mais velhas -, com as situações que vive, no momento histórico em que vive e com a cultura a que tem acesso. (MELLO, 2004, p.136)

Os principais obstáculos nesse processo são o preconceito e o desconhecimento a respeito do autismo pelo professor, pelos colegas de turma e as demais pessoas que compõem a escola. Estes fatores acabam impedindo que o ensino aprendizagem aconteça e o aluno não obtenha um bom desempenho ou não se sinta motivado a frequentar a escola. Mesmo que o professor note que diante do processo de ensino o desenvolvimento cognitivo adquirido pelo aluno tenha regredido, pois é um fato comum em crianças autistas, é necessário paciência, amor e dedicação para retomar sempre que preciso o processo de aprendizagem. O desenvolvimento da aprendizagem do aluno autista depende do nível de transtorno em que se encontra, quanto menos agressivo for o nível do transtorno mais ele terá chance de se desenvolver.

Como o autismo afeta severamente a socialização, a linguagem e o comportamento do indivíduo, existem maneiras de intervir para o desenvolvimento educacional do portador do TEA. Se faz necessário inicialmente que a escola e a família tenham conhecimentos a respeito do distúrbio e dos direitos assegurados por lei. Um dos direitos destacados na lei de proteção aos autistas 12.764 de 27 de dezembro de 2012, com relação ao ensino da criança autista prevê a presença de um auxiliar em sala para dar suporte à professora e ao aluno no decorrer das atividades:

Artigo 3º. Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art.2º, terá direito a acompanhante especializado. (BRASIL, 2012, p.01)

Embora não seja do professor a responsabilidade de realizar o diagnóstico da criança, é através das suas observações diárias, aproximação e diálogo constante com a família que se torna possível perceber o nível de aprendizagem, as dificuldades e a sua relação com a turma. O professor precisa proporcionar ao autista uma aprendizagem praticada em grupos com momentos de socialização e de aproximação entre todos os alunos, pois esta é uma enorme necessidade do portador que precisa ser superada, a socialização proporciona o aprendizado, e amplia a aceitação da criança. Para Mello (2004, p. 138), “[...] assim, à medida que aprende a utilizar a cultura, a criança vai acumulando experiências em conjunto com as outras pessoas com quem vive e vai criando sua inteligência e sua personalidade.”

Partindo dos métodos de intervenção recomendados no atendimento de crianças autistas, para incluir é preciso fazer mudanças nos materiais pedagógicos utilizados em sala e, espaços físicos da escola para adequar o ambiente as necessidades do aluno autista. Para que este aluno possa se familiarizar à escola é preciso sinalizar as salas com figuras coloridas que representem cada local, e a sala de aula precisa ter cartazes com figuras que estabeleça uma rotina de atividades ao longo do dia para ele, os materiais pedagógicos precisam ser concretos e por meios de figuras para facilitar a aprendizagem. A comunicação do professor com o aluno tem que ser direta, utilizando poucas frases para solicitar uma ação sempre mantendo contato visual, aluno, solicitar que o aluno imite determinados comportamentos também ajudam no desenvolvimento da aprendizagem e, aliar os conteúdos ensinados em sala ao que ele tem maior interesse torna a aprendizagem significativa para o aluno. Sobre esse aspecto GIACONI;

RODRIGUES (2014) nos diz:

Trata-se, em relação a essa síndrome, diversamente de tantas outras, de adaptar antes de incluir, projetando e direcionando uma série de cuidados e ações que permitam, ao momento oportuno e progressivamente, favorecer primeiro a presença e depois as melhores e possíveis formas de participação na escola, na classe e nas atividades. (GIACONI; RODRIGUES, 2014, p. 697)

Com base nas observações realizadas na turma do 1º ano do ensino fundamental, onde estudam duas crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro do autismo, as duas crianças do sexo masculino têm a mesma idade, mas possuem níveis de transtorno diferentes. Um apresenta nível leve e o outro moderado. Foram observados os seguintes aspectos quanto a questão educacional: a participação das atividades em sala, a interação com os colegas e com a professora, o comportamento no recreio, os afetos e as emoções apresentados cotidianamente.

Quanto ao **aluno considerado nível leve**: fala com dificuldade, ler e escreve todas as tarefas da aula, conhece números, letras e cores e se mostra motivado ao realizar as tarefas e também quando é elogiado. A interação com os colegas de classe e com a professora é muito boa. Consegue dialogar e realiza algumas ações tipo “ser o ajudante do dia”. No recreio ele se alimenta e brinca sozinho, algumas vezes simplesmente realiza movimentos repetitivos ou só observa com olhar distante os demais colegas brincando. Em relação aos afetos e emoções a criança não ignora carinhos e consegue repetir comportamentos ensinados pela professora. Vejamos a seguir algumas atividades da criança:

Image: clip\_image003.jpg

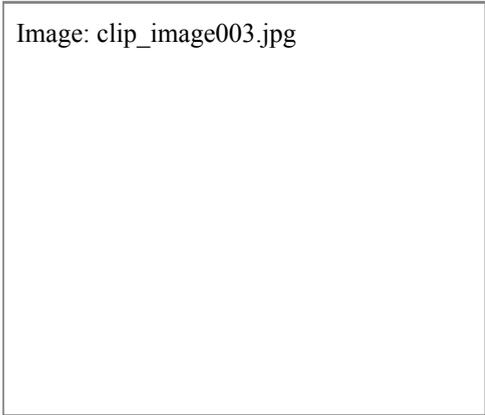


Foto 2 atividade de ciências

Image: clip\_image005.jpg

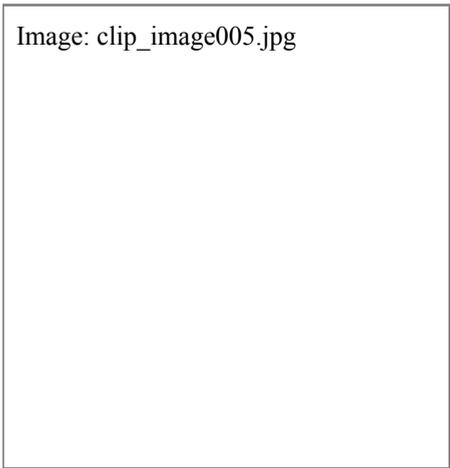


Foto 3 atividade de português

Image: clip\_image007.jpg

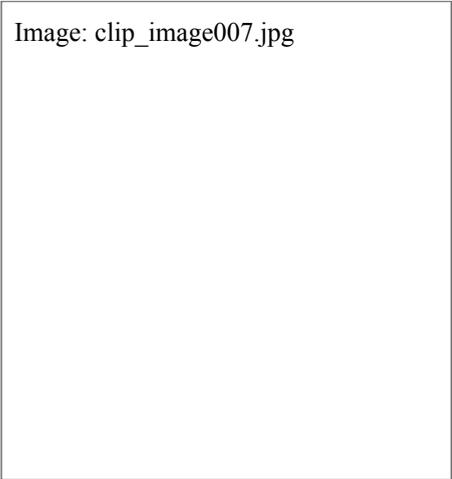


Foto 4 atividade de português e matemática

O **aluno considerado nível moderado**: não fala, geralmente não lê, não escreve e não realiza nenhuma atividade, não interage com colegas de classe e nem com a professora. Houve um momento que realizou atividades de escrita e pontilhados com a ajuda da auxiliar demonstrando que possui alguns conhecimentos de escrita e de vogais. No entanto ele retorna a agir como se a sala de aula não despertasse nenhum interesse. Fechar-se em seu mundo. No recreio ele se alimenta muito, pois apresenta-se bastante ansioso em relação a comida. As vezes grita muito e aponta em direção a cantina da escola. No recreio brinca sozinho, realiza movimentos repetitivos em maior número de vezes em relação ao aluno de nível leve, observa com olhar distante os demais brincando. Em relação aos afetos e emoções a criança não rejeita carinhos, mas não consegue expressar. Não consegue imitar comportamentos ensinados pela professora. Vejamos a seguir algumas atividades que a criança realizou com a ajuda da auxiliar de sala:

Image: clip\_image009.jpg



Foto 5 atividade de escrita sobre vogais

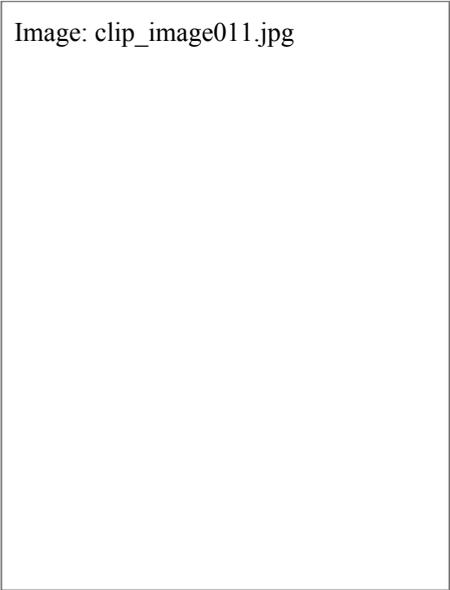


Image: clip\_image011.jpg

Foto 6 atividade de pontilhado sobre vogais

Os questionários foram aplicados a cinco professores do 1º ao 5º ano do ensino fundamental (sendo que somente uma professora não respondeu). Considerou a média de tempo de carreira das entrevistadas que é de 08 a 20 anos e, há um nível de conhecimento suficiente sobre o TEA. Vale destacar que se buscou compreender e não apenas quantificar as respostas.

Embora tenham respondido individualmente, todas as professoras disseram que possuem pouco conhecimento sobre o autismo e afirmaram ainda que tais conhecimentos foram adquiridos através de leituras realizadas por conta própria. A maioria das professoras já ensinaram alunos autistas e concordam que as principais dificuldades nesse processo são: a falta de recursos pedagógicos na escola e falta de capacitação para os professores.

Em relação ao tipo de recurso pedagógico utilizado em sala, disseram que são pesquisadas atividades, jogos e brincadeiras adequadas ao aluno na internet. São utilizadas também, atividades que os alunos trazem para a sala por ocasião de estarem sendo acompanhados por algum profissional, além das atividades determinadas pelo currículo da escola.

Para a maioria das professoras, não houve atividade que proporcionou resultados na aprendizagem dos autistas, justamente pela dificuldade enfrentada em sala, e por não se sentirem seguras em relação aos meios pedagógicos utilizados. Demonstrando necessidade de maior conhecimento sobre o autismo. Somente uma professora respondeu que a atividade que proporcionou resultado foi a de historinha com ilustrações no caso do autista de nível leve.

Para a maioria das professoras, não houve atividade em sala que proporcionasse interação entre alunos autistas e os demais colegas, devido os momentos de agressividade e resistência destes alunos em preferir aprender somente um determinado assunto. Somente uma professora respondeu que promoveu algumas atividades em dupla ou em grupo atribuindo ao aluno autista uma função na realização de cada atividade.

Todas as professoras concordam que é necessária a presença de um auxiliar na turma que estudam alunos autistas, afirmam que é preciso dispensar um olhar ainda mais direcionado para estas crianças a fim de trabalhar suas limitações de maneira mais pontual, coisa que muitas vezes o professor regular não tem como fazer sem a ajuda da auxiliar, elas concordam também que sem a auxiliar todos os alunos saem prejudicados desse processo de aprendizagem.

Todas concordam que o professor necessita de formação para ensinar alunos autistas, pois para elas não há preparo sem informação, quanto maior a informação menos difícil será o desafio de trabalhar com

o aluno autista ou com qualquer outra necessidade especial, alegam também que o professor tem que querer, gostar, identificar-se com o que faz e compreender as dificuldades de interação e de comportamento.

Todas consideram muito importante a inclusão de alunos autistas no ensino regular. E a maioria responderam que a inclusão de alunos autistas em sala de aula regular pode ser feita até o final do fundamental menor, aliada de técnicas e profissionais qualificados para intermediar essa inclusão, pois relatam que se esse aluno for somente “incluído” e não for trabalhado suas necessidades, essa situação pode gerar consequências negativas. Relatam também que a carga horária desse aluno deveria ser menor, visto que eles se sentem muito incomodados com o barulho dos demais colegas. Somente uma professora não respondeu essa pergunta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através das observações em sala de aula, da discussão teórica e da coleta de dados foi possível compreender como se dá o processo de interação educacional do aluno autista e o nível de conhecimento dos professores a respeito do TEA, provando que por mais que o governo não invista os recursos devidos e assegurados por lei para a educação, a escola continua fazendo sua parte, driblando os obstáculos utilizando seus pouquíssimos recursos para promover educação e aprendizagem para os alunos.

A pesquisa comprovou que quanto menor for o nível do transtorno maior será a chance deste aluno se desenvolver, nas observações percebi que para o autista de nível leve o processo de ensino aprendizagem e interação ocorre muito bem mesmo diante das dificuldades, mas para o autista de nível moderado esse processo praticamente não acontece e o aluno não desenvolve as áreas prejudicadas pelo autismo. A pesquisa demonstrou que o desconhecimento da turma a respeito do transtorno do espectro do autismo leva a momentos de intolerância e agressividade da turma para com os autistas e também dos mesmos para com seus colegas. Demonstrou também as dificuldades e desafios enfrentados diariamente pelas professoras e pela auxiliar por não possuírem conhecimentos suficientes sobre o autismo, pela falta de recursos pedagógicos e principalmente pela falta de oportunidade de capacitação para lidar com crianças especiais. Porém possuem muita vontade de aprender e desempenham um bom trabalho dentro das suas limitações e da maneira que podem. Por meio da pesquisa ficou claro que a inclusão de alunos autistas no ensino regular é mais que necessária ela é essencial, mas que antes da inclusão é preciso preparar e equipar a escola e o corpo docente para depois incluir o aluno nesse processo educacional. Para enfrentar os obstáculos na aprendizagem destes alunos é preciso adaptar o espaço da escola, capacitar os professores e fornecer os materiais pedagógicos que eles precisam antes de incluir o aluno.

A temática da pesquisa tem grande importância, pois procura discutir a inclusão de alunos autistas no ensino regular, ressaltando as dificuldades de interação educacional e esclarecer a ineficiência dos governantes para com a escola. A pesquisa procurou refletir, discutir e informar as pessoas sobre o diagnóstico, sintomas e tratamento do autismo de maneira contextualizada partindo da evolução histórica dos portadores de necessidades especiais até as leis que regulamentam o nosso sistema de ensino.

A elaboração da presente pesquisa proporciona para o meio acadêmico novas pesquisas acerca da temática, esclarecimentos e conhecimentos para a sociedade sobre o autismo e para mim como aluna, conhecimentos, aperfeiçoamento e estímulo para aprofundar os estudos sobre os portadores de necessidades especiais.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO; NETO. **A nova classificação americana para os transtornos mentais o- DSM-5**. São Paulo. Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva, vol.16, nº1, p.67-82, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf>>acesso em: 20 de março de 2017.

Brandão, Carlos Rodrigues, 1940- **O que é educação**/ Carlos Rodrigues Brandão. -33ª. Ed. –São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passos: 203)

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**/ Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001. 79 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>acesso em: 18 de maio de 2017.

MEC. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Brasília. MEC/SEESP, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>acesso em: 30 de março de 2017.

SILVA; GAIATO; REVELES. **Mundo singular-entenda o autismo**. Editora Fontanar, 2012. Disponível em: <http://cursoposneuro.com.br/wp-content/uploads/2015/08/Mundo-Singular-Entenda-o-Autismo.pdf>>acesso em: 10 de março de 2017.

MELLO, Suely A. **A escola de Vygotsky**. In: Kester Carrara (organizador). Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. – São Paulo: Avercamp, 2004. P. 135-154.

GONÇALVES, Elaine Cristina. **Historicidade da educação especial**. Faculdade Cenecista de Campo Largo. Revista eletrônica de ciências da educação. v. 9, n.2, dez. De 2010. Disponível em: [www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/download/1269/631](http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/download/1269/631)>acesso em: 02 de setembro de 2017.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO; NETO. **A nova classificação americana para os transtornos mentais o- DSM-5**. São Paulo. Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva, vol.16, nº1, p.67-82, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf>>acesso em: 20 de março de 2017.

Brandão, Carlos Rodrigues, 1940- **O que é educação/** Carlos Rodrigues Brandão. -33ª. Ed. –São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passos: 203)

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica/** Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001. 79 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>acesso em:18 de maio de 2017.

MEC. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.** Brasília. MEC/SEESP, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>acesso em: 30 de março de 2017.

SILVA; GAIATO; REVELES. **Mundo singular-entenda o autismo**. Editora Fontanar, 2012. Disponível em: <http://cursoposneuro.com.br/wp-content/uploads/2015/08/Mundo-Singular-Entenda-o-Autismo.pdf>>acesso em: 10 de março de 2017.

MELLO, Suely A. **A escola de Vygotsky**. In: Kester Carrara (organizador). Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. – São Paulo: Avercamp, 2004. P. 135-154.

GONÇALVES, Elaine Cristina. **Historicidade da educação especial**. Faculdade Cenecista de Campo Largo. Revista eletrônica de ciências da educação. v. 9, n.2, dez. De 2010. Disponível em: [www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/download/1269/631](http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/download/1269/631)>acesso em: 02 de setembro de 2017.